

PERSONALIDADES

Ao longo da sua História, com mais de seis séculos, contam-se por milhares as pessoas que viveram no actual território do concelho de Grândola, e contribuíram para o seu desenvolvimento. Na esmagadora maioria dos casos, não ficaram registos escritos sobre a vida e actividades destas pessoas, o que torna impossível aquilatar do valor dos seus contributos. Além disso, não há critérios absolutos que permitam comparar personalidades e desempenhos, e a tendência é para a História recordar, apenas, as pessoas e as funções socialmente mais relevantes ou conhecidas. Em face disto, qualquer escolha ou selecção que se faça, corre o risco de se tornar arbitrária e injusta, ao enaltecer umas figuras em detrimento de outras, quiçá mais dignas de destaque.

Tendo em atenção estes pressupostos, toda e qualquer lista é, necessariamente, redutora, e deixa no olvido figuras que, por direito próprio, deveriam constar na Memória Colectiva da Comunidade Grandolense. Na impossibilidade de fazer melhor, fica a esperança de que a lista que se segue possa, ao menos, ser justa quanto aos méritos das pessoas apresentadas.

Por razões de metodologia, a apresentação das personalidades que se seguem foi efectuada por ordem alfabética, sem atender a épocas, ao sexo e às actividades desenvolvidas. Esta resenha será acrescentada e melhorada em função da recolha de novas informações, e do melhor conhecimento da História Local.

*

ÍNDICE DE PERSONALIDADES

António Inácio da Cruz
António Pires Cabral
Carlos Palhinhas Candeias
Evaristo de Sousa Gago
Frédéric Marie Joseph Velge
Hélder Mateus Pereira da Costa
Honorato de Sousa Nunes
João Guerreiro Vital
Joaquim Alves da Mata
Joaquim Ângelo da Silva
Jorge de Vasconcelos Nunes
José Jacinto Nunes
Licínio Chaínho Pereira
Manuel Baptista dos Reis
Manuel Costa Gaio Tavares de Almeida
Manuel Gameiro
Manuel Matos Caturra
Maria José Embaixador Pascoal
Teófilo Saguer
Vítor Manuel Ribeiro da Rocha

ANTÓNIO INÁCIO DA CRUZ

(1876 – 1955)

Filho de Francisco António da Cruz e de Maria Inácia Pereira, naturais da Abela, António Inácio da Cruz nasceu em Grândola, em 1876.

Herdeiro de um razoável património, na sua maior parte em propriedades rústicas, dedicou a sua vida a geri-lo, embora se dedicasse também a actividades de carácter intelectual. Apesar de não ter estudos superiores, dedicou-se à Astronomia, à Física, à Música e às Ciências Sociais, de que deu público testemunho através de patentes de inventos e das publicações *Pacificação da Sociedade – Uma Organização Social Mais Conveniente*, 1933 e *Flocos, Fios, Estrelas Cadentes e Outras Ideias Ou Uma Conferência Que Não Se Fez*, 1949.

Foi um homem reservado e com poucos amigos, mas que nunca deixou de praticar a solidariedade, nomeadamente com os mais necessitados.

Vítima de leucemia, faleceu em Grândola a 3 de Abril de 1955, e jaz em mausoléu no cemitério municipal de Grândola.

Solteiro e sem descendentes, legou o seu património ao Concelho. Em testamento deixou expressa a sua intenção de ser criada uma fundação com o seu nome, que administraria os bens legados. No entanto, não se esqueceu dos que sempre o serviram e dos amigos, por quem foram repartidos alguns bens.

Os lucros obtidos pela fundação através da exploração do património deviam reverter para o auxílio a estudantes necessitados de Grândola que se distinguissem pelas melhores notas, e também para a construção e manutenção de uma escola de ensino técnico-profissional (agrícola e industrial). A fundação seria administrada por uma junta directiva constituída por um representante da autarquia, dois professores do ensino oficial e dois agricultores do Concelho.

A Fundação António Inácio da Cruz foi criada em 1958, e em 1964 foi inaugurada a Escola Secundária António Inácio da Cruz, totalmente custeada e gerida com o dinheiro da Fundação.

Em 1977, por razões de ordem administrativa e política, a Fundação foi extinta pelo Governo, e os seus bens passaram para a posse do Estado. De referir, que a Escola continua a manter o nome de António Inácio da Cruz, bem como a avenida onde a mesma se situa.

*

ANTÓNIO PIRES CABRAL

(1903-1985)

António Pires Cabral nasceu a 19 de Setembro de 1903, em Celorico da Beira-Gare. Estudou na cidade da Guarda, onde concluiu os estudos liceais, e na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Após a conclusão do 4º ano, transferiu-se para a Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se licenciou em Julho de 1929.

A sua actividade profissional teve início em Loriga, no concelho de Seia, e continuou na Companhia Nacional de Navegação, como médico de bordo, onde esteve até 1933.

Em Dezembro de 1932, casou-se em Coimbra, com Emília Gomes Cabral.

Em 1933, fixou-se em Azinheira dos Barros, onde estendeu a sua actividade à população da freguesia, nomeadamente aos trabalhadores das Minas do Lousal, destacando-se pelo altruísmo e solidariedade que manifestou no exercício da profissão. No final da década de 50, depois de findar a sua actividade no Lousal, passou também a dar consultas em Grândola, onde iniciou uma estreita colaboração com o Dr. Evaristo de Sousa Gago.

Tendo-se mantido em Azinheira dos Barros até 1977, ano em que se reformou, fixou residência em Coimbra, onde faleceu a 10 de Abril de 1985, sendo sepultado na sua terra natal.

Nos anos 60, foi atribuído o seu nome a uma rua de Azinheira dos Barros e, em 1995, foi-lhe prestada uma sentida homenagem, com o descerramento de um busto num espaço central daquela povoação.

Em 2004, o Município de Grândola atribuiu-lhe, a título póstumo, a Medalha de Mérito Municipal.

*

CARLOS PALHINHAS CANDEIAS (1927- 2004)

Filho de António Pereira Candeias e de Bertolina Maria Candeias, Carlos Palhinas Candeias nasceu em Melides, a 1 de Abril de 1927,

Após ter concluído a instrução primária, aprendeu o ofício de oleiro, vindo posteriormente a construir a sua própria olaria, na qual trabalhou durante alguns anos.

Em 1948, foi viver para Lisboa, onde trabalhou primeiro como servente de armazém de produtos químicos, e mais tarde como encarregado geral numa fábrica de confecções, onde se manteve até à aposentação.

Em 1974, fixou-se de novo em Melides, onde exerceu funções no âmbito da solidariedade social, nomeadamente como Presidente da Casa do Povo, e onde liderou a equipa que contribuiu para a construção do Centro de Dia.

Católico praticante, exerceu, também, durante vários anos, as funções de sacristão na Paróquia de Melides.

Faleceu na sua aldeia natal, a 7 de Maio de 2004, onde foi sepultado.

Em 2004, o Município de Grândola atribuiu-lhe, a título póstumo, a Medalha de Mérito Municipal.

*

EVARISTO SOUSA GAGO (1908 – 1975)

Filho de David dos Santos Gago e de Maria de Sousa Sancho Gago, Evaristo de Sousa Gago nasceu em São Brás de Alportel a 26 de Junho de 1908.

Frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra durante dois anos, tendo concluído o curso em Lisboa.

No início dos anos 30, fixou residência em Grândola, onde passou a exercer a sua actividade de médico, e onde casou com a grandolense Cândida de Matos.

Pessoa extremamente devotada à profissão, assumiu-a com competência e verdadeiro espírito de missão, o que lhe granjeou um enorme respeito e admiração por parte da população do Concelho.

Defensor intransigente dos ideais da Liberdade e Democracia, Evaristo Sousa Gago sempre se opôs ao regime imposto pelo Estado Novo. Tomou parte activa nos principais movimentos contra o regime tendo sido mandatário, em Grândola, da candidatura à Presidência da República do General Humberto Delgado.

Quando fez 50 anos de idade, o povo de Grândola prestou-lhe uma grande homenagem de reconhecimento pela sua actividade médica e postura cívica.

Faleceu a 17 de Outubro de 1975, e jaz sepultado no cemitério municipal de Grândola.

Reconhecido como uma das mais importantes figuras da história do concelho de Grândola no século XX, foi-lhe erigida uma estátua, e atribuído um prémio anual com o seu nome aos três melhores alunos do concelho que completem os 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário. Em 2002 foi-lhe, também, atribuída a título póstumo a Medalha de Mérito Municipal.

*

FRÉDÉRIC MARIE JOSEPH VELGE (1926 - 2002)

Frédéric Marie Joseph Velge nasceu a 20 de Outubro de 1926, em Bruxelas, na Bélgica. Licenciou-se em engenharia pela Faculdade de Agronomia, de Louvain, e iniciou a sua actividade profissional nas minas de carvão Bonne Fin e Violette, em Liège, onde permaneceu durante cinco anos.

Em 1958, assumiu como administrador delegado a gestão das Minas do Lousal, cargo que desempenhou até 1964. Sob a sua gestão, o Lousal registou um progresso notável, nomeadamente com a introdução de novas tecnologias, e a melhoria das condições de vida dos mineiros e de suas famílias. Além das alterações técnicas introduzidas na extracção mineira, Frédéric Velge trouxe para o Lousal preocupações de ordem social e humanista, que foram decisivas para o seu crescimento, desenvolvimento e transformação num espaço social.

Após o encerramento das minas, em 1988, para que o Lousal não se transformasse num local degradado e despovoado, Frédéric Velge empenhou-se fortemente na sua transformação num espaço cultural. Para isso, contribuiu para a criação, em 27 de Maio de 1997, de uma Fundação entre a SAPEC, proprietária do espaço, e o Município de Grândola, Fundação essa que tem o seu nome.

Acresce que o seu interesse e empenho pelo Lousal têm sido extensivos à sua família, nomeadamente a sua esposa Mayllene Velge, actual presidente da Fundação.

Frédéric Velge faleceu em 20 de Outubro de 2002, e está sepultado em França.

Em 2004, o Município de Grândola decidiu atribuir-lhe, a título póstumo, a Medalha de Mérito Municipal.

*

HELDER MATEUS PEREIRA DA COSTA

Filho de José Pereira da Costa e de Mariana José Mateus Costa, Hélder Mateus Pereira da Costa nasceu a 6 de Janeiro de 1939, em Grândola.

Autor, encenador e actor, Hélder Costa estudou Direito em Lisboa e em Coimbra, onde colaborou com o Círculo de Iniciação Teatral e Académica de Coimbra (CITAC) e presidiu ao Cénico de Direito.

Exilado em França por razões políticas, em 1970 fundou o Teatro Operário de Paris, onde desenvolveu um vasto trabalho de encenação e criação.

Após o 25 de Abril de 1974, regressou a Portugal e foi um dos membros fundadores da companhia de Teatro “A Barraca”, a quem foi atribuído, em 1992, o Prémio UNESCO, e que tem levado à cena textos seus e de autores como Gil Vicente, Dário Fo, Woody Allen, e outros.

Hélder Costa dirigiu também cursos e participou em diversos congressos e festivais em vários países do mundo, e pertence ao corpo pedagógico da Escuela Internacional de Teatro da América Latina y Caribe.

Ao longo da sua carreira, recebeu diversos prémios nacionais e internacionais, nomeadamente o Grande Prémio de Teatro da RTP (“Damião de Góis”), o da Associação de Críticos (“É menino ou menina”), o da Casa da Imprensa (“Fernão Mentas?”), o do Festival STIGES (“Zé do Telhado”, melhor espectáculo e “D. João VI”, melhor texto), o Prémio da Associação de Actores e Directores da Catalunha e o 1º Prémio no 1º Festival Internacional da Ciudad de México (“Dancing”).

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal.

*

HONORATO DE SOUSA NUNES

Filho de Alexandre Nunes Madeira e de Francisca de Sousa Nunes, Honorato de Sousa Nunes nasceu a 16 de Maio de 1938, em São Brás de Alportel, e veio para Grândola em 1942, data em que os seus pais fixaram residência nesta localidade.

Após concluir a instrução primária, frequentou o 1º e o 2º Ciclo dos Liceus no colégio D. Jorge, em Grândola, e o 3º ciclo no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa. Em 1958, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde se licenciou em Medicina e Cirurgia, em 1967.

Em 1966, contraiu matrimónio com Maria Adelina Vasquez.

Em Outubro de 1967, entrou no Serviço Militar obrigatório em Mafra, sendo posteriormente, colocado na cidade da Guarda como médico militar no Regimento de Infantaria 12.

Em 1971, iniciou funções no Hospital de S. João no Porto, onde se manteve até 2003, como médico especialista de Oftalmologia, especialidade que concluiu no ano de 1975.

Foi neste contexto que auxiliou os grandolenses que pelas mais variadas razões oftalmológicas lhe solicitaram ajuda.

Colabora, há cerca de 14 anos, com regularidade no Jornal “Ecos de Grândola”, primeiro sob o título “Ao correr da pena”, alterado em 1985, para “O amigo de Alex”, em homenagem a seu pai, Alexandre Nunes Madeira.

Foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal, no ano de 2004.

*

JOÃO GUERREIRO VITAL

(1914 – 2007)

Filho de Francisco Vital e de Mariana Chaínho, João Guerreiro Vital, nasceu em Grândola a 27 de Julho de 1914.

Estudou na sua terra natal, tendo concluído a antiga 5ª classe no ano de 1927.

Com treze anos de idade começou a trabalhar no comércio, exercendo actividade por conta de outrem e, em 1940, estabeleceu-se por conta própria, como proprietário de uma drogaria.

Por diversas vezes fez parte dos corpos sociais e directivos de algumas instituições do Concelho, nomeadamente de carácter recreativo e desportivo. Foi secretário da Tuna da Caridade e da SMFOG, e também secretário e depois presidente da Direcção do Sport Club Grandolense.

Profundamente democrata, desgostoso com a política do Estado Novo, participou activamente nas campanhas eleitorais de Norton de Matos e de Humberto Delgado à Presidência da República.

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal.

Faleceu em Grândola a 16 de Janeiro de 2007, e encontra-se sepultado no cemitério municipal.

*

JOAQUIM ALVES DA MATA

Filho de António Joaquim da Mata e de Joana Luz dos Remédios, Joaquim Alves da Mata, nasceu em Grândola a 24 de Novembro de 1931.

Concluiu a licenciatura em Engenharia Agronómica no Instituto Superior de Agronomia, tendo apresentado um relatório final de estágio subordinado ao tema “*Pastagens e Forragens da Região de Grândola*”.

Em 1957, casou com Maria José Gonçalves Banha Alves da Mata.

Iniciou a sua actividade profissional como Técnico da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, tendo sido colocado na Estação de Cerealicultura de Beja.

Desempenhou funções como professor da Escola Agro-Industrial António Inácio da Cruz, onde ocupou ainda os cargos de professor secretário e de subdirector.

Com a transformação da Escola Agro-Industrial em Escola Técnica e Escola Secundária, ocupou funções directivas em diversos períodos.

Foi escolhido pela equipa ministerial encarregue do processo dinamizador das escolas profissionais, para colaborar na criação da Escola Profissional Agrícola de Grândola.

Entre 1964 e 1971 foi vereador e vice-presidente da Câmara Municipal de Grândola.

Foi, ainda, presidente da Direcção da Associação dos Agricultores de Grândola, da Assembleia-Geral da Grândolacoop e da Direcção do Sport Clube Grandolense.

No ano de 2006, foi distinguido com a Medalha de Mérito Municipal.

*

JOAQUIM ÂNGELO DA SILVA

(1925 - 2004)

Filho de Francisco Ângelo e de Maria da Silva, Joaquim Ângelo da Silva nasceu a 30 de Abril de 1925 em Grândola.

Depois de concluir a instrução primária, aos onze anos, iniciou a aprendizagem do ofício de carpinteiro. Nessa data, ingressou, também, na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense como aprendiz de clarinete.

No ano de 1947, iniciou funções de zelador na Câmara Municipal de Grândola, cargo que desempenhou até Julho de 1960.

Depois de sair da Câmara, criou uma empresa de Construção Civil e Obras Públicas, que manteve durante 40 anos, e que atingiu um notável desenvolvimento. Mais tarde, presidiu às empresas Joaquim Ângelo da Silva, S.A.; Joaquim Ângelo & Cachadinha, S.A.; Transportes Central Grandolense, Lda. e Burgausado, Lda., sedeadas no concelho de Grândola.

Homem de grandes preocupações cívicas, foi sócio fundador da Associação dos Bombeiros Voluntários de Grândola, tendo feito parte dos Corpos Directivos da mesma associação durante vários mandatos. Foi, também, sócio honorário da Associação de Dadores Benévolos de Sangue de Grândola.

Foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal no ano de 2002.

Faleceu em Grândola, a 30 de Outubro de 2004.

*

JORGE DE VASCONCELOS NUNES

(1878 – 1936)

Filho do Dr. José Jacinto Nunes e de Maria da Natividade Paes e Vasconcelos, Jorge de Vasconcelos Nunes nasceu em Grândola, a 16 de Julho de 1878.

Estudou na Escola Nacional de Agricultura, onde concluiu a sua formatura em 1900.

Enveredando pela carreira política, a exemplo do pai, tornou-se um acérrimo defensor dos ideais republicanos, ainda durante a Monarquia. Depois de proclamada a República, foi eleito deputado às Constituintes pela União Republicana, onde pontificava o seu cunhado, Brito Camacho.

Jorge Nunes foi o grandolense que mais destacadas funções governamentais desempenhou, ainda que por curtos períodos tendo, nomeadamente, sido Ministro da Agricultura e Ministro do Comércio e Comunicações.

Desempenhou, ainda, o cargo de administrador da empresa Comboios de Portugal (CP), e contribuiu para que a linha do caminho-de-ferro do Vale do Sado passasse por Grândola.

Colaborou em vários jornais, designadamente em “*O País*”, “*A Lanterna*”, “*O Mundo*”, “*A Democracia do Sul*” e “*Pedro Nunes*”.

A 23 de Abril de 1917, foi-lhe atribuído pelo Município um voto de louvor por, enquanto deputado, ter conseguido junto do Governo e durante um período de grandes carências, o fornecimento de um vagão de farinha a Grândola.

Em 1925, o Município de Grândola decidiu atribuir o seu nome à avenida que vai da Praça da República à estação ferroviária.

Jorge de Vasconcelos Nunes faleceu em Lisboa, em 15 de Março de 1936.

*

JOSÉ AFONSO

(1929 - 1987)

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos nasceu em Aveiro, a 2 de Agosto de 1929. Devido a motivos de ordem profissional do pai, entre 1933 e 1936 viveu em Angola e, depois de uma curta estadia em Aveiro, partiu em 1937 para Moçambique. Em 1938 regressou a Portugal e foi viver para casa de um tio, em Belmonte, onde concluiu o ensino primário. Entre 1940 e 1948, frequentou o ensino liceal em Coimbra e, em 1949, também na cidade do Mondego, inscreveu-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, que terminaria em 1961.

Entre 1953 e 1955, prestou serviço militar em Mafra.

Depois de um casamento que manteve entre 1947 e 1955, e de que teve dois filhos, conheceu Zélia, em 1961, que seria a companheira do resto da sua vida.

Em 1955, enveredou pela carreira de professor, primeiro em Mangualde, e depois em Aljustrel, Lagos, Faro, Lourenço Marques, Beira e Setúbal, de onde, por razões políticas, veio a ser expulso.

De espírito boémio e com uma forte vocação musical, iniciou a sua actividade de cantor em Coimbra, em 1945, que prosseguiu no Orfeão e na Tuna Académica. Em 1953 gravou os primeiros fados de Coimbra e, cinco anos depois, saiu o seu primeiro disco em 45 rotações, “Baladas de Coimbra”.

A partir da campanha de Humberto Delgado à Presidência da República, em 1958, acentua-se em José Afonso o sentimento antifascista, que lhe iria marcar o comportamento cívico posterior. Averso a disciplinas partidárias, que não quadravam com a sua índole, entre 1969 e 1973 liga-se, cada vez mais, a movimentos que se opõem ao regime vigente. Conotado, por vezes, com o PCP (a que nunca pertenceu) com a JOC, a LUAR e outros grupos, foi preso pela PIDE, primeiro em 1971 e depois em 1973.

A sua produção musical, marcada numa fase inicial pelo fado coimbrão, passa cada vez mais a assumir novos rumos e sonoridades, e a reflectir as suas preocupações de ordem social e política. Em 1960, edita dois *singles*, em cujas letras transparece estas preocupações, nomeadamente em “Menino do Bairro Negro” e “Os Vampiros” (proibida pela censura salazarista). Em 1963 saem mais dois *singles* e no ano seguinte outros dois. Em resultado, talvez, da sua expulsão do ensino oficial, dedica-se com maior intensidade à produção musical e à participação em espectáculos em colectividades e associações populares. Os seus discos surgem com regularidade anual entre 1967 e 1973, e entre eles destaca-se o álbum “Cantigas de Maio” onde vem inserida a canção “Grândola Vila Morena”.

A ligação de José Afonso a Grândola começou em 17 de Maio de 1964, quando foi convidado a actuar na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. Impressionado pelo ambiente humano que encontrou, elaborou pouco depois a 1.ª versão da letra de “Grândola Vila Morena” (cantada pela 1.ª vez em Santiago de Compostela). Editada em 1971 e cantada de pé por cerca de 5000 pessoas no Coliseu dos Recreios em Lisboa (em 24 de Março de 1974) a canção veio depois a servir de senha ao Movimento das Forças Armadas que, em 25 de Abril de 1974, pôs fim ao regime ditatorial e repressivo que governava o país.

Após o 25 de Abril, José Afonso participou activamente no processo revolucionário. Em 1976 e 1980 apoiou Otelo Saraiva de Carvalho à Presidência da República, e em 1986, Maria de Lourdes Pintassilgo. Enaltecido por muitos e criticado por outros devido às suas opções políticas, manteve sempre uma postura de independência e de solidariedade para com os mais oprimidos. O seu sonho utópico de uma sociedade mais

justa, fraterna e igualitária, sofreu fortes reveses, nomeadamente com as transformações ocorridas no pós-25 de Novembro de 1975.

Sem deixar de cantar e de compor, editou novos discos em 1975, 1977, 1978, 1979, 1981, 1983 e 1985. Alvo de várias homenagens, nomeadamente na fase final da sua vida, José Afonso, galardoado pela Casa da Imprensa como melhor compositor e intérprete de música ligeira em 1969, 70 e 71, mostrou pouca receptividade a algumas delas. Em 26 de Julho de 1974, foi considerado Cidadão Honorário de Grândola. Em 1983 foi reintegrado como professor no ensino oficial. Em 1985, a cidade de Coimbra atribuiu-lhe a Medalha de Ouro. No mesmo ano, o Presidente da República (Ramalho Eanes) atribuiu-lhe a Ordem da Liberdade, que recusa. Foi, ainda, alvo de homenagens em alguns países.

Em 1982, é-lhe diagnosticada uma grave doença, da qual viria a falecer, em Setúbal, a 23 de Fevereiro de 1987.

*

JOSÉ JACINTO NUNES

(1839 – 1931)

Filho de António Joaquim Nunes e de Rosa Jacinta das Neves, José Jacinto Nunes nasceu a 25 de Outubro de 1839, em Pedrógão Grande.

Frequentou o Seminário de Coimbra, tendo-o abandonado para se inscrever na Faculdade de Direito, onde concluiu o bacharelato em 1865. Integrado numa geração que viveu sob a influência das ideias da Revolução Francesa de 1789, Jacinto Nunes revelou-se um entusiasta dos ideais democráticos e republicanos.

Exerceu a advocacia na sua terra natal durante algum tempo e, em 1866 foi nomeado administrador do concelho de Grândola, cargo que ocupou também em Torres Vedras e Abrantes.

Casou em 7 de Julho de 1869, na igreja de Santa Margarida da Serra, com Maria da Natividade Paes e Vasconcelos, e afeiçoou-se de tal forma a Grândola, que apenas se deslocava a Lisboa para o desempenho da sua actividade política e parlamentar.

A partir de 1870 exerceu, quase ininterruptamente, a presidência da Câmara Municipal de Grândola.

Fez parte do Directório do Partido Republicano, tendo sido vítima de perseguições e preso por duas vezes. Embora candidato em 1870, apenas foi eleito deputado em 1893, pelo círculo de Lisboa, tendo sido um dos primeiros deputados republicanos a entrar no Parlamento. Eleito várias vezes deputado, foi seguidamente eleito senador. Tomou parte nas Constituintes, mas nunca quis ser ministro nem nunca foi condecorado. Foi autor do projecto de amnistia aos monárquicos concorrendo, assim, para a conciliação dos portugueses.

Contribuiu, com o apoio do filho Jorge Nunes, para que o caminho-de-ferro passasse por Grândola, conseguiu a manutenção da Península de Tróia no concelho a que presidia, bem como o restabelecimento da sua Comarca. Colaborou activamente nos jornais *O Século*, para cuja fundação contribuiu, *A Luta* e *Pedro Nunes*, entre outros. Publicou várias obras, entre as quais *Projecto do Código Administrativo*, *Reivindicações Democráticas* e *Descentralização de Lisboa*.

Durante a sua longa vida foi objecto de várias homenagens, nomeadamente a atribuição do seu nome a uma rua de Grândola.

Faleceu em Grândola, a 9 de Novembro de 1931, e jaz em mausoléu no cemitério municipal.

Após a sua morte, foi alvo de outras homenagens, designadamente, a atribuição do seu nome a uma rua de Lisboa e a erecção de uma estátua, em Grândola (da autoria de Euclides Vaz). De referir, ainda, que a casa onde habitou foi, após a sua morte, adquirida pela autarquia, para aí instalar os Paços do Concelho.

*

LICÍNIO CHAÍNHO PEREIRA

Filho de Máximo Pereira e de Custódia Chaínho Pereira, Licínio Chaínho Pereira, nasceu em Outubro de 1939, em Grândola.

Frequentou o Externato D. Jorge em Grândola entre 1952 e 1957, o Colégio Frei Agostinho da Cruz, em Setúbal, entre 1957 e 1959, e licenciou-se em Engenharia Química-Industrial, no ano de 1965, no Instituto Superior Técnico.

Foi assistente e professor auxiliar da Universidade de Lourenço Marques, em Moçambique.

Em 1972, concluiu o doutoramento, em Física Molecular, pela Universidade de Nottingham, em Inglaterra.

A partir de 1979, tornou-se professor catedrático de Física na Universidade do Minho, da qual foi Vice-Reitor e Reitor.

Publicou vários trabalhos e participou em múltiplas conferências.

Foi condecorado com a Grã-Cruz de Mérito Civil da Casa Real de Espanha, em Setembro de 2000. Em 2001, foi-lhe atribuído o grau de Doutor *Honoris Causa* pela UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), em Santa Catarina, no Brasil.

Além de trabalhos científicos publicou, também, poemas, designadamente os livros “*Vento do Sul*”, e “*Regresso ao Futuro e Outros Poemas*”.

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal.

*

MANUEL BAPTISTA DOS REIS

(1908 – 1992)

Natural de Lisboa, onde nasceu a 18 de Fevereiro de 1908, o Dr. Manuel Batista dos Reis formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Sensível às injustiças sociais e à repressão política passou, desde muito novo, a intervir nos movimentos estudantis oposicionistas ao Estado Novo. Detido pela primeira vez em 1932, por razões políticas, foi na cadeia da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) antecessora da PIDE, que efectuou o exame final de curso.

Uma vez liberto, exerceu a sua actividade de médico num sanatório do distrito de Castelo Branco.

Com a eclosão da Guerra Civil de Espanha, Manuel Batista dos Reis passou a fronteira e integrou-se, com a função de médico, nas Brigadas Internacionais, que apoiaram o Governo Republicano na luta contra as hostes do general Franco.

Com o fim da Guerra Civil e a vitória de Franco, depois de se refugiar em França, foi preso e conduzido a um campo de concentração no sul deste país.

Com a ocupação do território francês pelas tropas hitlerianas, em 1941, o Dr. Reis evadiu-se e regressou a Portugal. Detido na fronteira pela polícia política, foi enviado para o campo de concentração do Tarrafal (na ilha de Santiago, em Cabo Verde) onde permaneceu até 1946, sem julgamento nem culpa formada. Não obstante a falta de meios, durante os anos de detenção procurou, enquanto médico, apoiar os companheiros de infortúnio, e chegou mesmo a escrever (em 1944) uma exposição ao director do campo a denunciar as condições degradantes em que viviam os prisioneiros.

Após a sua libertação, fixou residência em Grândola, onde casou com a grandolense Ivone Douwens, e exerceu medicina durante cerca de 46 anos. Mantendo a sua postura de acérrimo opositor ao salazarismo, foi, ainda, detido em 1949.

Foi membro da URAP – União de Resistentes Anti-Fascistas Portugueses, membro da Comissão Concelhia de Grândola do PCP, e deputado municipal (entre 1976 e 1979).

Faleceu em Grândola, a 10 de Fevereiro de 1992, ano em que foi atribuído o seu nome a uma rua. Jaz sepultado no cemitério municipal.

*

MANUEL COSTA GAIO TAVARES DE ALMEIDA

Filho de António Gaio de Almeida e de Maria Costa de Almeida, Manuel Costa Gaio Tavares de Almeida, nasceu em Grândola, no dia 6 de Janeiro de 1929.

Foi aluno do Externato D. Jorge, concluiu o 3º ciclo no Liceu Nacional de Pedro Nunes em Lisboa, e ingressou na Universidade de Lisboa, onde frequentou o curso de Direito.

Exerceu a sua actividade profissional na BP Portuguesa, como director do departamento de contencioso.

Tendo-se dedicado à investigação da história de Grândola, publicou os seguintes trabalhos: *“Mulatos no Concelho de Alcácer do Sal”*, *“Selo, Brasão, Bandeira e Pedras de Armas da Vila de Grândola”*, *“Aspectos de Relações Humanas na Relação de Emprego”*, *“Da Nossa Senhora da Penha de França a Protectora dos Grandolenses”*, *“Roteiro Setecentista da Vila de Grândola”*, e *“A Cultura e o Recreio Nos Lazeres Dos Grandolenses Do Fim Do Séc. XIX E Da Primeira Metade Do Séc. XX”*.

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal.

*

MANUEL GAMEIRO

(1925 – 2008)

Filho de Miguel Joaquim Gameiro e de Maria Francisca Pelica, Manuel Gameiro nasceu em Palmela, a 5 de Janeiro de 1925, e residiu em Grândola desde os três anos de idade.

Foi no âmbito do desporto que alcançou notoriedade, tendo iniciado a sua actividade desportiva aos dezanove anos como jogador de futebol no Sport Club Grandolense, durante duas épocas. Posteriormente, jogou durante catorze anos no Clube Desportivo Grandolense. Foi dos primeiros futebolistas de Grândola a jogar como federado.

Depois de ter cessado a sua actividade como atleta, iniciou uma assídua colaboração com o Clube Desportivo e Artístico Grandolense e, mais tarde, com o Clube Recreativo O Grandolense.

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal. Faleceu a 21 de Outubro de 2008 e foi sepultado em Grândola.

*

MANUEL MATOS CATURRA

(1927 – 1993)

Filho de Manuel Caturra e de Henriqueta Matos, Manuel Matos Caturra nasceu em São Salvador (Beja) a 29 de Julho de 1927.

Estabeleceu-se em Grândola em 1948, como empregado comercial, no sector da sapataria, ramo onde desenvolveu a sua actividade.

Homem de trato afável, comunicativo, distinguiu-se pela sua dedicação a diversas instituições de carácter desportivo, recreativo e social do Concelho, nomeadamente o Sport Club Grandolense, a Cercigrândola, e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Grândola (de que foi um dos sócios fundadores).

Perfilhando ideais democráticos, fez parte da comissão concelhia da candidatura do General Humberto Delgado à presidência da República.

Em 1983, foi vereador substituto em representação do Partido Socialista, tendo-lhe sido atribuído o pelouro do abastecimento público, mercados e feiras.

Faleceu a 17 de Junho de 1993.

Foi distinguido com a Medalha de Mérito Municipal, a título póstumo, no ano de 2006.

*

MARIA JOSÉ EMBAIXADOR PASCOAL

Nasceu, a 25 de Janeiro de 1924, em Sesimbra.

Entre 1940 e 1945 frequentou o ensino liceal, em Setúbal e em Lisboa, em colégios particulares.

Em 1945, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, tendo concluído a licenciatura em Medicina e Cirurgia em 1950.

Fixando residência em Grândola, exerceu a sua actividade profissional no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, Lar de Idosos e Consulta materno-infantil, na Caixa de Previdência, na Casa do Povo e no Dispensário. Foi Directora da Enfermaria Abrigo de Grândola, Subdelegada de Saúde, médica municipal e Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Saúde de Grândola, tendo sido médica do mesmo Centro, até à sua aposentação em 1987.

Após a aposentação, continuou a exercer clínica privada e a colaborar na assistência médica no Lar de Idosos de Grândola.

Foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal, no ano de 2004.

*

TEÓFILO SAGUER

(1880 – 1954)

Filho de João Saguer Carbonel e de Francisca Antónia Guerreiro Barradas, Teófilo Saguer nasceu em Grândola, a 1 de Dezembro de 1880. Demonstrando, desde novo, uma evidente vocação musical, assentou praça em Caçadores 5 e, autorizado pelo Ministério da Guerra, matriculou-se no Conservatório Nacional. Fez parte da banda da Guarda Nacional (considerada, na época, um agrupamento de categoria), ingressou nas orquestras dos Teatros de S. Carlos e da Trindade e, mais tarde, integrou como trompista as orquestras sinfónicas de Lambertini, Blanch, Cardona e David de Sousa. Em 1912, casou com Adelaide Guerreiro Saguer, violoncelista de mérito e também professora musical.

Em 7 de Março de 1915, estreou-se como compositor no Teatro Politeama, com o poema sinfónico *Ode à Bélgica*. No mesmo ano, apresentou no Teatro de S. Carlos e sob a sua direcção, uma Abertura Sinfónica. Em 1919, foi nomeado professor de composição no Conservatório, onde regeu as cadeiras de “Ciências Musicais”, “Piano” e “Instrumentos de Sopro e Metal”, e onde atingiu o grau de professor de Alta-Composição. A 1 de Dezembro de 1950, ao atingir o limite de idade como professor, foi alvo de uma significativa homenagem por parte dos seus colegas e alunos.

Em concomitância com estas actividades, dedicou-se ao estudo da musicologia e exerceu crítica musical através da publicação de artigos, nomeadamente nos jornais “Diário de Notícias”, “Diário de Lisboa”, “A Voz”, “Diário da Noite”, “República”, “Diário Liberal” e “O Grandolense”. Publicou os seguintes livros e brochuras: - *Monárquicos e Republicanos, Falemos da Guerra, A Entoação, A Anarquia dos Sons, Pedagogia Musical e A Radiotelefonía*. Deixou, ainda, vários trabalhos inéditos.

Teófilo Saguer faleceu na freguesia de N.ª S.ª de Fátima, em Lisboa, com 74 anos de idade, a 1 de Dezembro de 1954.

*

VITOR MANUEL RIBEIRO DA ROCHA

(1925 – 1987)

Filho de Celestino António da Rocha e de Maria da Conceição Ribeiro da Rocha, Vítor Manuel Ribeiro da Rocha nasceu na aldeia de Benagouro, distrito de Vila Real, a 24 de Abril de 1925.

Ingressou aos sete anos de idade no Colégio 1º de Dezembro, em Castelo Branco, onde completou a instrução primária. Depois de concluir o curso liceal no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde se licenciou a 30 de Julho de 1953. Em seguida, completou a sua formação com o curso de medicina tropical.

A sua carreira médica teve início no Hospital de Almada, como ajudante de cirurgia.

Em 1955, transferiu-se para Grândola, onde continuou a exercer a sua actividade clínica e onde fixou residência.

Casou em Janeiro de 1957, com a Dra. Maria Adélia Nunes Guerreiro da Rocha.

Exerceu actividade clínica na Casa do Povo de Grândola, no Montepio Grandolense e no Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Exerceu, ainda, clínica privada até ao seu falecimento, ocorrido a 4 de Fevereiro de 1987.

Em 2004, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal, a título póstumo.